

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS (Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assinantes, de quem esperamos e a quem desde já agradecemos a pontualidade de pagamento, de que vamos proceder á cobrança do HERALDO, enviando-lhes pelo correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre.

A educação

A educação é um dos problemas mais complexos, e de maior importância na esfera sociológica. É notório e evidente que sendo a família a base das sociedades, estas são o reflexo de aquela; são a sua natural resultante.

Toda actividade humana gravita em torno deste centro, oscilando ou caminhando firme, consoante o timbre e a intensidade que se lhe imprimir. Desta fonte brotam e pululam todas as qualidades de espirito, que devem caracterizar o homem moralmente completo: ciência, dignidade, moral, força de vontade, prudência, critério, racional previsão ante conjuncturas difíceis, a pratica (sábio meio para acertar as perplexidades da vida), emfim todos processos para lapidar o precioso diamante de um caracter integerrimo; mas para que as suas faces não sejam assimétricas, urge que a educação seja sábia e praticamente dirigida. A má educação é, sem duvida, o peor mal de uma sociedade. Nela germinam os escolhos que esmagam no porvir os mais agigantados monumentos de uma civilização, destruindo os seus mais arrojados obeliscos. A boa e sólida educação é, pelo contrario, a mãe de todas as sublimidades humanas. Nela nasce o espirito dedutivo e indutivo que leva a razão ás mais grandiosas descobertas científicas. Ela produz o espirito do belo, que incandescendo a imaginação, e iluminando a intelligencia com as chamas do entusiasmo, cria as cores, dispõe as tintas, gradua os cambiantes, destaca o claro-escuro, copia e corrige a propria natureza chegando a iludir as aves do ceo e a burlar a desconfiança do proprio rival.

Ela combina os sons; regula o seu séquito produzindo a melodia.

Produz o acorde; regula o seu séquito fazendo a harmonia.

Assim como na pintura, com o desenho a cores, ela faz as imagens quasi vivas do real, deleitando a vista, assim também com a harmonia e melodia, produz os mais sublimes trechos musicais, criando emfim essa linguagem angelica para lenitivo do coração humano. Ela encoraja o espirito tibio transformando-o por completo. Tem creado as coragens mais destemidas, as justas e gratas dedicações. Cria o amor ao torrão onde deixamos esparsos o cerebro e o coração transformando-o no mais acrisolado patriotismo. Em transes dolorosos na vitalidade de um paiz, ela consegue trazer agrilhoadas ao carro do triunfo mil legiões de bravos. No seu seio, nascem os poetas mais inspirados cujos conceitos são mais brilhantes do que as veigas douradas do Peloponeso, cuja lingua é mais doce do que o mel de Himeto. São seu produto os artistas mais sublimes, os guerreiros mais vitoriosos e humanos.

É ainda a educação, que fomentando a agricultura e a lavoura, casa harmonicamente alouradas searas com frondosos pomares. Ela é o aço que liga o homem nas suas multiplices relações; contem no mais sagrado respeito os filhos, as espo-

sas, os inferiores nas escalas dos preconceitos humanos. Forma a Mulher para a triplice e espinhosa missão de Filha, Esposa e Mãe; dulcifica-lhe as agruras mimoseando-lhe o espirito com franjas de ouro, rosa e pedaços de pérolas, no mais precioso damasco, com um pélagos de variegadas cores e prata no mais refinado setim. E, finalmente, a educação a grande alavanca do mundo moral.

Dai-me um ponto de apoio, e levantarei o mundo físico, dizia Archimedes, pois haja uma boa e sólida educação, e levantar-se-ha o mundo moral.

FRANÇA BORGES

Causou a melhor das impressões em todo o Algarve a singela mas significativa homenagem prestada pelo «Heraldo» ao mais intrasigente e dedicado defensor da Republica, o illustre jornalista França Borges.

Entretanto, justo é diz-lo, para que pudessemos efectiva-la, de muito nos serviu o valiosissimo concurso dos nossos prestimosos amigos e correligionários srs. Ezequiel Pereira, Luiz Derouet e Alves Correia, a quem devemos o belo cliché do saudoso fundador do Mundo, que publicamos, e aos quais aqui, muito penhoradamente deixamos consignada a expressão do nosso profundo reconhecimento por todas as deferencias prestadas ao «Heraldo».

Cronica

citadina

O LIXO

Não falta quem diga que Faro, esta linda cidade das palmeiras, em cuja remançosa ria os poentes tem o mais esplendoroso dos espelhos, é também, pelos azares da sorte, a cidade do lixo e da imundicia.

Baseada em solidos e razoaveis argumentos, esta afirmativa, que—cremo-lo bem—ainda ninguém em Faro deixou de fazer, por forma mais ou menos suggestiva, quer nas columnas dos jornaes, quer na amenidade das palestras, originou sempre, em todos os tempos, um diluvio de queixas e de censuras em que a critica impiedosamente metralha os homens—sejam eles quais forem—que a maldade dos Fados levou aos Paços do Concelho.

E todos clamam e vociferam contra eles,—tem sido sempre assim e continuará a ser, até á consumação dos seculos—exigindo-se, pelo menos que a Camara olhe devidamente pela limpeza da cidade, trazendo a sempre bem acaada e paridinha, não se limitando a dizer aos seus mais prestantes empregados de limpeza—os varredores,—como na historia da Caróchinha:

Se varreres bem, doile um pinto
Se varreres mal, doile um real.

E os varredores lá vão, animados pela mais inconsciente boa vontade, agitar o lixo a qualquer hora do dia, levantando nuvens de pó, se há vento, e compelindo a infinita legião dos microbios a dançar as suas sinistras farandolas aerias, ou amontoando lamas miasmáticas se a chuva nos tem visitado.

Ora a Imparcialidade—essa grande força, a nosso ver das mais poderosas para destruir e aniquilar desavenças, manda accentuar que, se a Camara, esta ou qualquer outra, descuidar ou tem descuido os serviços de limpeza, não é menos certo de que todos os senhores municipais a auxiliam extraordinariamente nesta «nonchalance».

E é por isso que nós, relembrando a lição sublime que a Biblia regista sob a epigrafe de «A Mulher Adultera», ou-

samos muito francamente dizer aos nossos estimaveis concidadãos:

—Aquele que não tem deitado ou mandado deitar lixo para a rua, que atire á Camara a primeira pedrinha da critica!

LYSTER FRANCO.

IMPRESA

«ATLANTIDA»

Recebemos o primeiro numero deste valiosissimo mensario artistico, literario e social para Portugal e Brazil que sob a direcção dos illustres escritores dr. João de Barros e João do Rio iniciou a sua publicação em Lisboa, no dia 15 do corrente.

Além da mais selecta e escolhida colaboração firmada, pelos nossos primeiros nomes literarios, insere primorosas illustrações, entre as quaes se destacam um belo retrato de Ramalho e uma excelente reprodução do lindo quadro de Columbano «A Chavena de chá».

Dado o brilhantismo da apresentação, asseguramos á «Atlantida» o maior successo, pois que nenhum português ou brasileiro que se prese, deixará de assinar tão importante mensario.

Crónica da Capital

AQUI E

ACOLÁ...

(Pó da vida)

El plato de... siempre

Ainda não obtivemos resposta á consulta a madame Brouillard sobre os serviços ferro viarios do sul. E' que a notavel quiromante um tal estudo absorve-lhe, sem duvida, todo o precioso tempo do seu mister. Dahi a demora na revelação.

Mas ela virá. Nem para nós a demora nos amofina; mad. Brouillard facilmente relatara o que tem sido o passado e o que é o presente dos caminhos de ferro que serpenteiam no Algarve, com veracidade e rapidez mas quanto á vaticina sobre o seu futuro...

Alguem aqui do lado opina que facil será á quiromante responder nós. E' desta arte:

—No futuro, os serviços ferro viarios do Algarve, lida serão peores que... no presente e no passado.

Longe vá o agouro...

Mas, emfim, aguardemos pacientes o que no lo dirá mad. Brouillard quando ripostar ao nosso questionario. E enquanto o prognostico não nos bate á porta, vamos pôr ante os olhos dos leitores, estes feixes de verdades que vemos numa carta do importante industrial sr. Antonio Magalhães de Barros, dileto amigo da provincia em que nasceu e onde com raro brilho exerce a sua intelligente actividade, ha dias estampada na Capital:

«Rápidos, cujos exiguos compartimentos de 1.ª classe, mal comportam tres passageiros, não se abrindo os restantes, enquanto houver um lugar disponível, havendo muitas occasiões que os passageiros são forçados a viajar no corredor, a fim de não se sujeitarem a ser prensados como a sardinha, ou por não terem lugar, devido a umas reles camas que occupam varios compartimentos, e que, cada uma custa a insignificancia de dois mil réis, naturalmente por conterem artigos vindos da Alemanha! Será isto devido á guerra? Rápidos, que nem sequer restaurante trazem, certamente para não fazer concorrência aos seus congêneres da linha, que primam pelo seu fornecimento e irreprehensivel asseio, dignos de servirem as raças mais exóticas e selvagens do orbe terraqueo! Será isto devido á guerra? Horario, de tal modo monstruoso, que quem deseje ir a Olhão, Tavira, Castro Marim, Monte Gordo e Vila Real de Santo Antonio, apenas tem um comboio ás 4,20 da madrugada, com immediato trasbordo em Tunes,—pois que, havendo um segundo ás 6 horas da manhã, quando chega ao terminus, Faro, já daqui tem parti-

Tipografia do «Heraldo»,

Chamamos a atenção dos nossos presados leitores e assinantes para o anuncio da tipografia do «Heraldo» inserto na secção competente.

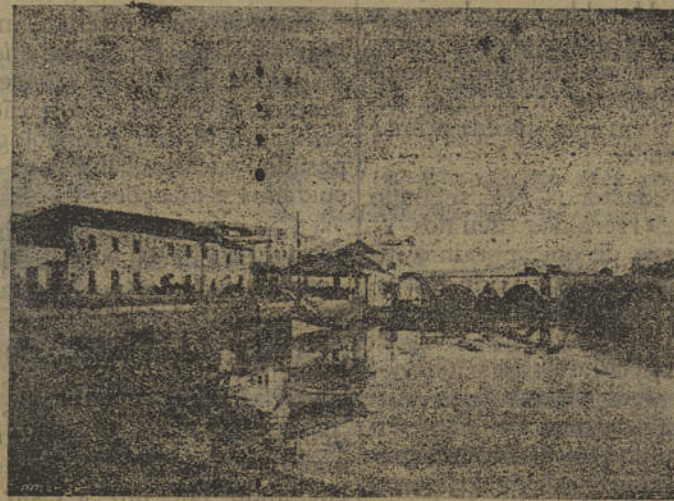
do, ha uma hora, outro para aquele destino, dando-se á volta as mesmissimas circunstanças! Será isto devido á guerra? Horario vergonhoso, que marca 4 a 6 horas, para se percorrerem 56 kilometros, de Portimão a Vila Real de Santo Antonio, o que representa, o «non plus ultra», do desaforo indigena! Será isto devido á

Saborearam? São verdades demonstrando quanto a viação acelerada no Algarve é primorosa, atraindo os touristes e acariciando os naturaes! Quem o duvida?

Clichés

Em fins da semana passada os diários

ASPECTOS ALGARVIOS



SILVES—Ponte e cas

guerra? Horario tão bonito, que após dez minutos das saidas dos comboios de Portimão, as maquinas ficam uma eternidade a tomar agua cerca de Estombar, quando o deviam fazer antes, mas tudo por amor e gentileza para com o respeitavel publico. Será isto devido á guerra? Serviço tão requintadamente

lisboetas punham de atalaia a tavolagem. Iam ser dadas ordens rigorosas á policia para impedir que a terceira duzia levasse ao desespero os apaixonados e os amanticos não saltassem... a dama. Com efeito vimos os croupiês gosando as noites no Dia de juizo e casquinando ante as inventivas do Walter.

A meio desta semana, que decorre, os

ASPECTOS ALGARVIOS



TAVIRA—A Ponte

apurado que, possuindo Faro ha já anos, iluminação electrica em toda a cidade, sómente a estação do caminho de ferro continua piamente iluminada, com a sua primitiva lamparina de petroleo fedorento! Será isto devido á guerra? Serviço tão pressurosamente feito, que as mercadorias em grande velocidade, levam pelo menos dois dias

mesmos diários lisboetas buzina:

«Pensa se, segundo consta, em regulamentar o jogo, visto estar reconhecida a impossibilidade de reprimir proficuamente o seu exercicio clandestino.

A primeira chapa, por mais esforços empregados na revelação, não resultou nitida; a segunda só por bem revelada deve ser mais perfeita.

ASPECTOS ALGARVIOS



Arredores de Tavira—Senhora de Santana

a chegar ao seu destino, e as demais, a bagatela de vinte, apesar do dinheirão louco em que taes despachos hoje importam, pelo que os algarvios, desiludidos de vez, estão de ha certo tempo, preferindo grandemente a viação maritima, por mais rapida, garantida e economica.

Recopilando:—a regulamentação do jogo impõe-se.

Lisboa, 20 XI 1915.

JOÃO DO ALEM.

Foi a Lisboa, na terça feira, o illustre governador civil deste distrito, sr. dr. Joaquim da Ponte.

Congresso Regional Algarvio



Dr. Almeida de Oliveira



O. Costa Bernardino Passos

ACTUALIDADES

O Museu arqueológico de Faro está desorganizado

Assim o afirma o «Heraldo» de um ALGARVIO.

A propósito das nossas ligeiras referências ao projectado Instituto Arqueológico, feitas no «Heraldo», recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos, por versar um assunto do mais alto interesse publico e vir redigida naquella linguagem em que devem primar os jornaes modernos:

«Ex.^{ma} Sr. Redactor:—No segundo numero do seu «Heraldo» deu-nos V. Ex.^a a grata noticia de que, por iniciativa da Academia de Ciências de Portugal—já fundar se em Faro um «Instituto Arqueológico».

No quarto numero, ou seja o ultimo, dá publicidade á noticia de ter sido assinado um decreto «creando em Faro um Museu Regional de Arte e Arqueologia, constituído pelo actual recheio do Museu Monsenhor Boto (?), devendo de futuro este museu ser instalado no edificio do extinto convento de S. Bento. (?) e fundando e organizando em Faro, anexo á Academia de Ciências de Portugal, «O Instituto Arqueológico do Algarve».

Está muito bem. A ideia é louvável e digna dos maiores aplausos; embora eu não tenha a distinta honra de conhecer nesta cidade quaesquer cavalheiros, a quem appropriadamente caiba o scientifico qualificativo de arqueólogos,—se alguns ha são tão modestos que ainda não deram sinal de si,—estou bem certo de que não faltarão boas vontades para realisar se tão util empreendimento, logo que se lance mão de gregos e de troianos, buscando-se as competencias onde elas estiverem e sem prévia audiencia da Senhora D. Política, dama muito respeitavel, mas sobejamente conhecida de nós todos para que dispenseemos o seu concurso onde ele é perfeitamente inoportuno e escusado.

Na mesma local a que me venho referendo, diz V. Ex.^a que o «Museu Arqueológico de Faro, aberto ao publico ha muitos anos, deve se á iniciativa do falecido conego Boto e pertence á Camara Municipal, desta cidade, sendo actualmente dirigido pelo sr. dr. Justino de Bivar».

Ora desculpe V. Ex.^a, sr. Redactor, que eu me permita vir contraditar da melhor forma que ser possa, parte das suas bem intencionadas afirmativas.

Irei de vagar para mais depressa chegar ao fim a que me propuz.

Não ha duvida que o «Museu Arqueológico de Faro» foi fundado pelo meu saudoso amigo, Monsenhor Joaquim Maria Pereira Boto, Existe ainda, felizmente, muita gente nesta cidade que bem se lembra do alto empenho com que aquele verdadeiro homem de ciencia realiso o seu intento, não se poupando a trabalhos nem a sacrificios de toda a especie.

Em Fevereiro de 1894, a Camara Municipal nomeou o conservador do Museu, e ele, muito embora o tempo lhe não abundasse, porque era então, se não estou em erro, vice-reitor do Seminario, aceitou com prazer tal encargo, só para olhar mais de perto pelo seu querido Museu.

Boto foi um arqueologo de valor, um trabalhador incansavel; se o não fosse não teria conseguido vencer a indiferença e a hostilidade do meio, dotando a cidade de Faro com tão valiosas preciosidades.

O Museu Arqueologico Lapidario «Infante D. Henrique» seria hoje um verdadeiro tesouro se a Camara Municipal, de quem V. Ex.^a diz ser ele prefeccionista, tivesse cuidado sempre com aquele zelo

que justifica o portuguesissimo dictado: «O olhar do dono engorda o cavallo».

Mas tal não succedeu, infelizmente. A maioria das vereações, que tem passado pelos Paços do Concelho, por uma indesculpavel má orientação, considerou sempre o Museu Arqueologico como um pesado, encargo, indigno de quaesquer cuidados e atenções.

Com a retirada de Pereira Boto para Lisboa, começou para o Museu um verdadeiro fadario, pois nunca mais houve quem olhasse por ele.

Morto o seu illustre fundador, entrou a decadencia a acentuar-se e o Museu passou a andar de Herodes para Pilatos, dentro do proprio edificio da Camara, numa especie de delirio deambulatório, chegando por fim a estar muito tempo encafuado num casarão improprio, longe das vistas do publico e fechado á investigadora curiosidade dos visitantes nacionaes e estrangeiros.

Revoltados por mãos de incompetentes, com esse atrevimento que dá a ignorancia, ficou, desde logo o Museu com as suas collecções truncadas e reduzido a uma especie de simples amontoad de coisas velhas, sem prestimo aparente, que ninguém sabe de onde vieram nem para que serviram.

Graças a este desleixo, tão criminoso como português, foi inutilisado, quasi por completo, todo o trabalho feito por Pereira Boto.

Agravando a situação, a Camara Municipal, talvez por economia,—em Portugal, paiz das lembranças que parecem esquecimentos, ha tambem a mania de fazer economias que a breve trecho se transformam em grandes dispendios!—deixou-se de reeditar o respectivo catalogo (*Glossario dos principaes monumentos do Museu Arqueologico «Infante D. Henrique»*), de sorte que até essa valiosa base falta á quem devesse estudar, a sério, os objectos expostos.

E' triste, não lhe parece?

Durante muito tempo o Museu vegetou no tal casarão improprio, entregues os seus valiosos objectos ao maior desprezo e ao mais completo abandono.

Ha pouco, transferiram-no para a velha igreja de Santo Antonio dos Capuchos e para lá o arrumaram, com muito gosto e fina arte.

Ora diz V. Ex.^a que o Museu é actualmente dirigido pelo sr. dr. Justino de Bivar.

Perdoe-me, sr. Redactor, mas venho dizer-lhe que V. Ex.^a labora, por certo, num erro lamentavel.

O Museu Arqueologico, em que pese aos que affirmam o contrario, continua acéfalo, é só o que se pôde concluir depois de visita-lo um instante que seja.

Para dirigir um Museu Arqueologico carecem-se requisitos scientificos especiaes que, por maior que seja a minha boa vontade, não logro descobrir na pessoa do sr. dr. Justino de Bivar.

Este senhor será um optimo advogado, um magnifico presidente da comissão executiva municipal; é, sem contestação, um excelente e digno rapaz, sempre pronto a coadjuvar todas as iniciativas uteis, um cavalheiro, enfim, da mais distincção, sociedade, mas daí a arqueologo, e portanto a pessoa competente para dirigir o Museu, vai uma distancia quasi tão grande como da terra á lua; onde, por vezes, se me afigura que todos nós vivemos, quando mutuamente nos atri-

buimos qualidades que estamos longe de possuir.

O Museu será, quando muito, uma das ramificações de serviço do pelouro municipal a cargo do sr. Bivar.

Deve ser isto, e nada mais.

Pela minha parte não creio, enquanto não me provarem o contrario, que exista qualquer entidade, a dirigir exclusivamente o Museu e a minha descrença fundamenta-se no convencimento de que, se tal acontecesse—quer fosse o sr. Bivar ou qualquer outro bem intencionado, com um pouco de intuição, por muito pouca que ella fosse—já não teríamos tido o gosto de ver, aqui em Faro, uma pessoa idonea a reorganizar o Museu Arqueologico de forma a livra-lo de vandalismos que saltam aos olhos e que fariam a vergonha de qualquer aprendiz de brica-brac.

Porque, em verdade lhe digo, sr. Redactor, um Museu Arqueologico disposto com muito gosto e fina arte,—como, se bem me lembro, disse em tempos o corresponsente de um jornal de Lisboa,—será muito lindo, será muito lindo, será magnifico, mas é insufficientissimo para o fim a que se destina; deixa de ser um Museu para tornar-se um simples estendal de coisas velhas e sem prestimo.

Ea podia concretisar mais o assunto e expor a razão ou as razões que me inibem de chamar «Museu arqueologico» ao conjunto de objectos antigos que a camara arrecadou no velho templo franciscano, mas não gosto de melindrar ninguém, nem desejo que me julguem animado, de um espirito capaz de amesquinhar iniciativas alheias; além disso sr. Bivar não entrou para o municipio não contraiu, segundo me consta, a obrigação de ser arqueologo, e malgrá lui...

Modesto e trabalhador como é, está bem certo de que aquele sr. seria o primeiro a julgar-se incompetente para um lugar outrora tão distinctamente occupado pelo meu subido amigo Pereira Boto, que, justo é dizer, teve em Manuel de Bivar um dos cooperadores mais inérgicos e devotados—se tal lugar não passasse de uma simples fantasia decorativa, de que alias as tradições do seu nome lu dentro da camara, não carecem.

Desculpe-me, sr. Redactor, occupar tão precioso espaço no seu jornal, ventilando um assunto que se me afigurou de importancia maxima, mas a culpa é sua, visto que, na circular com que V. Ex.^a me honrou, diz se que «O Heraldo» espera obter todas as informações de reconhecida importancia para o desenvolvimento moral, intelectual e material desta formosa provincia.

E como não desejo popularisar o meu nome, tão conhecido de V. Ex.^a desde longa data, consinta-me que para os seus leitores eu referendo esta com o simples pseudonimo de

UM ALGARVIO.

Depois de escrita esta carta, li, por acaso, no *Diário do Governo* de 11 do corrente, que tinham sido nomeados socios fundadores do Instituto Arqueologico do Algarve os srs. Tomaz Cabreira, dr. Almeida de Oliveira, dr. Justino Bivar, dr. Rodrigues Davim, agronomo Pedro Judice, dr. Teixeira Guedes, dr. Francisco Fernandes Lopes, tenente coronel Rodrigo Abaim, 2.^o tenente Sebastião José da Costa e Manuel João Paulo Rocha.

Louvado seja Deus, Nosso Senhor!

Eu a pensar que não havia arqueologos algarvios e eles a surgirem das colunas da folha official, com uma pujancia e um vigor tais, que obscurecem a eclipsis dos cristanismos—a flor do tempo!

Antes assim!

Já agora, só para ver se consigo coordenar as praticas antigas com as modernas,—desculpe-me a inofensiva zuturice,—vou dar-me á árdua tarefa de ver se consigo descober os *Diários do Governo* que publicaram as nomeações dos arqueologos Estacio da Veiga e Pereira Boto.

E' que, francamente, depois do recente parto do *Diário*, espiei-me deversos a curiosidade de saber se «eles» tambem foram nomeados por Decreto ou Portaria.

Um Algarvio.

Nota da Redacção

Trazendo esta carta sublinhada, por duas vezes, a frase «com muito gosto e fina arte» e atendendo a que o director deste jornal esteve, por deferencia para com a Camara, e na sua qualidade de pintor historico, a dirigir os trabalhos de conservação e limpeza dos quadros dos extintos Paços episcopais e Seminario, expostos conjuntamente com os objectos que fazem parte do Museu Arqueologico, cumpramos declarar, para evitar equivoques, que somos absolutamente estranhos ao criterio que presidiu á disposição de tais objectos e até á dos proprios quadros.

PUBLICAÇÕES

RECEBIDAS

SOCIEDADE DE EMIGRAÇÃO PARA S. THOMÉ E PRINCÍPE.

Relatório da Direcção, parecer do Conselho Fiscal e lista dos acionistas—2.^o ano.—1914—Lisboa.

Oferido pela importantissima Sociedade de Emigração para S. Thomé e Príncipe, recebemos este magnifico relatório, o melhor trabalho que no genero conhecemos e em cujas paginas vibra o mais alto e acrisolado interesse pelo nosso problema colonial, na generalidade, e especialmente na parte respeitante ás ilhas de S. Thomé e Príncipe, que tem na benevolenta Sociedade um dos factores mais poderosos do seu progresso, desenvolvimento e expansão.

O «Relatório» a que nos vimos referindo e que penhoradamente agradeçamos, é um valioso documento demonstrativo da nossa vitalidade como nação colonial.

Magnificamente composto e impresso, insere esplendidas fotografias, e constitui um volume elegantissimo que muito honra a arte tipographica nacional e o Centro Typographico Colonial de Lisboa, de cujas officinas saiu.

Antologia do Algarve

POESIA

QUÊM FORA

BALADA!

Quem fora as notas da balada infanda.
Quem fora as linhas dum poema eterno!
Talvez, talvez que tua boca linda
Me repetisse num enlevo terno!

Suspensa dessa tua linha a boca,
Desses teus labios de balaz extrema,
Podia ter uma alegria louca,
Sendo eu balada ou genial poema.

Sendo eu balada (quem me dera se-lo!)
Beijando a tua tua branca face,
Brincando a brisa com o teu cabelo,
Nesses teus labios talvez eu brincasse...

Talvez me lesse, quando tudo dorme,
Nas horas mortas dum gelado inverno,
Sendo eu poema genial, enorme,
Se eu fora as linhas dum poema eterno!

Talvez me lesse sobre o casto leito,
A horas mortas, minha linda amante,
Talvez fizesse palpitar teu peito,
Se eu fora os versos inmortaes de Dante...

E assim, mulher, aí que sou eu?—Um nada,
Vermelho que vae sob os teus pés, de rastros.
Que pena eu tenho da não ser balada
Que tu contasse sob a luz dos astros!

Talvez, talvez que tua boca linda
Me repetisse num enlevo terno,
Se eu fora as notas de balada infanda,
Se eu fora os labios dum poema eterno!

CANDIDO GUERREIRO.

VILANCETE

MOTE

Mil almas, que eu possuisse,
Todas te daria, Amor...

—Mas mereces mais, Senhor?

VOLTAS

Sou escrava da Ternura,
Na illa d'El-Rei Don Amor...
Cavo o campo da Ventura,
Abençoado labor!—
Abre-me a terra um tesouro
De esmeraldas, rubis, ouro...
—Mas merece o meu Senhor!

Lanço á terra os meus desejos,
Dá-lhe o sol, e ao seu calor,
Da semente brotam beijos,
—Linda seara d'amor!—
Empunha a foice, ceifeira!
Ceifa, ardorosa e tigeira...
—Mas merece o teu Senhor!

Dou-lhe a Vida, o Coração,
A minha Alma, o meu Amor;
Dou-lhe a minha Inspiração,
Em seu dulcido fulgor...
E dar-lhe-ia em cada verso,
Se pudesse, um Universo...
—Mas mereces mais, Senhor!

MARIA VELEDAL.

PROSA

JOÃO DE DEUS

Um dos mais mimosos poetas que illustram a segunda metade do seculo passa-

do foi João de Deus, o sonhador, o meigo, só o amor o inspirou: amor que ele cantou maravilhosamente em versos inspirados, mas cheios de simplicidade, de candura, que prendiam os ouvintes e leitores, tanto pela naturalidade como pela harmonia e beleza do ritmo. Nasceu este inimitavel lirico em São Bartolomeu de Messines, aldeia algarvia, em 8 de Março de 1830. Formou-se em direito em 1859, e só tres anos depois saiu de Coimbra, deixando ali o seu nome justamente illustre pelas suas magnificas produções poeticas. A sua lira não cessou de ressoar, constantemente, applaudida, até á data da sua morte, que se deu em Lisboa, a 11 de janeiro de 1913. Poucos mezes antes tinha recebido da mocidade estudiosa do pais uma brilhante apoteose, como homenagem ao seu merito superior, não faltando a associar se a este tributo de alta consideração o proprio

chefe do Estado, que o visitou em sua casa, oferecendo-lhe, as provas mais inequivocas do seu respeito e admiração.

João de Deus não foi somente um va-te primoroso, foi tambem um pedagogista illustre e dedicado. Provou-o «Cartilha Maternal», o methodo de leitura mais facil e intuitivo, que cedo se espalhou pela maior parte das nossas escolas e que mereceu ao Parlamento em 1898 a distincção de ser «aprovado» como methodo de leitura nacional. Parte dos escriptos em verso e em prosa de João de Deus, que ou tinham sido publicados nos jornaes ou que ele guardava como recordação dos seus tempos de mocidade, foi colligida em dois volumes, intitulados «Campo de Flores» e «Prosa», pelo insigne literato sr. Teophilo Braga, e entregue á publicidade. Outro poeta, Guerreiro Junqueiro, chamou a colleção das suas poesias «Campo de Estrelas». Jardim Sideral, Lirio de Luz Inocente, e que mil milhões de anos não roubarão uma petala.

José Joaquim da Costa Macedo.

A fotografia do invisível

Os Raios X em Faro

Na Farmacia «Alexandre»

tura de todas estas cores vivas. Para nos certificarmos desta verdade, basta pintar estas cores sobre um disco na proporção da sua extensão espectral.

Fazendo girar o disco, temos a sensação da luz branca. E' a experiencia de Newton sobre a recomposição da luz.

Mas o espectro não se limita ás cores que impressionam a nossa vista. A propriedade luminosa é a caracteristica destes raios visiveis. Mas, á direita e á esquerda desta gama cromatica, existe um espectro invisível.

Para além do vermelho, encontraram-se raios invisiveis, que apenas se manifestam pelas suas propriedades calorificas, actuando sobre o termometro. —São os raios *infra vermelhos*, os menos desviados pelo prisma.

Para além do violeta, encontram-se raios igualmente invisiveis, actuando sobre a placa fotografica, e que não parecem dotados de propriedades luminosas nem calorificas.

São os *Raios actinicos*, os *Raios ultra violetas*, os mais desviados pelo prisma.

Desde então, o que se entende por luz tornou-se cada vez menos intelligivel. Na realidade, á medida que uma ciencia enriquece, á medida que os homens analisam as suas sensações pela razão, e pela experiencia, á medida que atingem o limite, e que reúnem todos os meios de aquisição para corroborar os resultados que ultrapassam a apparencia, e de toda a utilidade não empregar palavras que caracterisam as proprias sensações.

O idealismo grego dizia: «Uma candeia arde num quarto e illumina-o enquanto si estiverdes. Sai e fecha a porta; vosses

olhos auzentes não mais terão luz, embora a candeia continue acesa.

Não ha luz sem vista.
Este velho argumento é profundissimo. Dado um modo vibratório do éter que se traduz por um conjunto de fenomenos caloríficos e químicos, nós escolhemos os que mais directamente nos ferem: a luz, e, todavia, a luz é neste modo vibratório uma das propriedades menos directas, visto que, segundo toda a verosimilhança, está sujeita a modicações químicas ou caloríficas.

A nossa vista, apesar de ver a luz, não possui uma propriedade mais importante que o mercurio que se dilata:

O que é o invisível?
Não é o que não pôde ser visto, mas o que nós não podemos ver com nossos olhos.

Foi pensando nestes e em equivalentes assuntos que, na terça-feira, ás 21 horas, nós dirigimos a Farmacia Alexandre onde a nossa presença fôra atenciosamente solicitada pelo nosso presado amigo e correligionario, o distincto clinico sr. dr. João da Silva Nobre, que se propunha a mimosar-nos como uma sessão de Raios X.

Quando entrámos no recinto destinado a exhibição, já completamente ás escuras, radiografava-se sobre o «écran» a sombra de um livro entre cujas folhas fôra introduzida uma moeda, a qual se via distintamente.

Rompida, gradualmente, a fila de curiosos que cercava o operador, e logo que conseguimos aproximarmos-nos de sr. dr. Nobre, a quem felicitámos pelo seu tão arrojado como util empreendimento, inquirimos do illustre clinico com lhe viera aquella excelente iniciativa.

Tentei montar a instalação que adquirimos agora, pouco tempo depois de iniciar a minha clinica em Faro, e ver quanto ella se tornava necessaria ao Algarve, provincia muito distante da capital e onde só se podiam encontrar aparelhos de Raios X.—Diz-nos amavelmente o sr. dr. Nobre.

Cheguei mesmo a ter, ha dois annos, o problema quasi resolvido de acordo com dois colegas, um dos quaes ainda foi comigo a Lisboa para fazermos a encomenda, o que não se realisou por motivos que não interessam á nossa conversação.

Não deixando de trabalhar para conseguir a montagem do aparelho de uma necessidade absoluta, encontrei um auxiliar poderoso num rapaz muito trabalhador e inteligente, o sr. Anibal da Fonseca Alexandre, habil farmacutico que, entusiasticamente meteu mãos á obra, o que, até certo ponto não me surpreendeu visto saber quanta vontade ele tem de fazer progredir a sua casa, dotando-a com tudo o que é necessario para elevar o meio clinico-farmacutico de Faro, ou antes do Algarve.

E' como nós, que já conheciamos identicos aparelhos, exteriorissemos o nosso parecer, dizendo ao sr. dr. Nobre que aquele nos parecia dos melhores que tinhamos visto, logo o illustre clinico, a sorrir, e tendo feito previamente a declaração de que não exagerava, nem para o caso se careciam réclames espalhados, visto que todos os aparelhos científicos valem especialmente pelos seus resultados praticos, nos asseverou que, no parecer dos técnicos aquele podia dizer-se dos melhores ou o melhor, por ser o ultimo modelo fabricado nos Estados Unidos da America do Norte, onde os Raios X tem sido objecto de aturado estudo e aperfeiçoamento, na parte que diz respeito ás casas manufactureras de tão delicados aparelhos.

Mas quem dirigiu a montagem? interrogámos.

—Quem? Pois não conhece? Foi o sr. Joaquim Fulgencio Lopes, distincto electrotecnico, habil operador no Instituto Central de Lisboa, e do Hospital Militar da Estrela, que conseguiu logo nas primeiras experiencias uns resultados extremamente satisfactorios, o que aliás foi constatado pela numerosa assistencia, entre a qual, além dos representantes da imprensa, da classe medica e da farmaceutica, se encontram, como vê, a maior parte das pessoas mais em destaque em Faro.

E, depois de nos ter convidado a sumeter a nossa mão esquerda á acção dos maravilhosos Raios X, o que, apesar de «enludada», á fez surgir esqueletica e hirta na superficie perolada do «écran», destacando-se em macabra evidencia, os ossos dos insepelaveis anceis, o illustre clinico conclue:

—Julgo que conseguimos um grande melhoramento para a provincia e estamos muito satisfeitos por isso e pelos magníficos resultados do aparelho que é dos melhores que se fabricam nos Estados Unidos da America, onde, como sabe, se bate o record da electricidade.

Não abusando, por mais tempo da paciencia do illustre clinico, tão abusivamente submetida á nossa curiosidade jornalística, despedimo-nos deixando-lhe felicitações pelo seu util empreendimento; abraçámos, por igual motivo, o nosso presado amigo Anibal Alexandre, e aqui deixamos registadas as nossas impressões acerca de um melhoramento que tanto valorisa o Algarve.

POR ESSE ALGARVE

Loulé

A Secção da Associação do Registo Civil desta vila fez-se representar no funeral do nosso saudoso amigo e desilustro correligionario sr. Franca Borges, pelo sr. Augusto José Vieira, illustre presidente da comissão de Propaganda da mesma Associação.

—Pelos srs. Adolfo Guedes de Matos, chefe do expediente (reformado) do Serviço do Movimento dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que veio expressamente do Barreiro, onde reside, e Artur Guedes de Matos, chefe da secção de conservação nesta vila, foi pedida para o sr. Efigenio Pereira Guedes de Matos, a mão da sr.ª D. Maria da Luz Coelho, victuosa filha do nosso amigo sr. Joaquim da Piedade Coelho, comerciante da nossa praça.

—Vimos nesta vila no ultimo domingo o illustre deputado e distincto official da armada sr. José Mendes Cabeçadas Junior.

—Esteve em Loulé o sr. João Abel Teixeira, de Faro.

—As autoridades estão procedendo ao arrelamento do milho, arroz, feijão e grão de bico, em conformidade com o decreto 2.012, de 30 de outubro ultimo.

—Encontra-se entre nós, o nosso estimado amigo e prestimoso correligionario, sr. Humberto José Pacheco, illustre secretario particular do Ex.º Governador Civil deste districto.

—Vimos também nesta vila o sr. Carlos Quintino, digno administrador em Alcoutim.

—Chegou na quinta-feira á noite da Lisboa, o nosso amigo e digno deputado sr. dr. Marreiros Neto.

Almancil

A Comissão Política Republicana daqui fez-se representar no funeral do nosso infeliz correligionario Franca Borges pelo illustre deputado dr. João Pedro de Sousa.

—A delegação da Associação do Registo Civil desta localidade também se fez representar pelo digno presidente da Comissão de Propaganda da ex.ª Associação, sr. Augusto José Vieira.

Todos os livres-pensadores subscreveram para a compra de uma corôa.

Estoi

Causou aqui grande impressão o falecimento do insigne director do «Mundo» sr. Franca Borges.

O correspondente do «Heraldo», em nome de um grupo de republicanos, envia á familia enlutada a expressão do seu sentido pesar.

—Os campos apresentam-se magníficos, continuando a colheita da azeitona.

—Afim de comprarem ovos para abastecimento dessa cidade, temos visto por aqui muitos guardas civis.

MARTINS MORENO

Partiu no dia 16 para Lisboa, o nosso presado amigo sr. Mateus Martins Moreno, esclarecido director da interessante revista «Alma Nova».

Noticias de Instrução

Foi nomeado secretario da Escola Industrial e Commercial Pedro Nunes, desta cidade o professor da mesma Escola, sr. Henrique Mateus Cansado.

—Foi nomeado professor provisório da secção de ciencias do Liceu de João de Deus, o nosso amigo sr. Paulino José das Dores.

—Pediu a exoneração do lugar de director da Escola Industrial e Commercial «Brotero», de Coimbra, o distincto professor sr. Antonio Augusto Gonçalves.

Gar teir'a

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 21.—D. Luiza Amelia Gomes, D. Antonia de Jesus Gonçalves, Columbano Bordalo Pinheiro, José Joaquim Alves e João Antonio M. Tralves, celebraram a Segunda-feira, 22.—D. Inez de Mendonça, D. Amparo Pessanha, D. Maria Teresa Fonseca, Teodoro José Rafael, Antonio do Carmo Teixeira e Antonio Joaquim Hipolito.

Terça-feira, 23.—D. Eulvinha Maria de Melo e Brito, D. Maria Antonia Pinho, Alvaro Miguel Tomaz, João Mariano Lopes e o menino Clemente Pereira Marques.

Quarta-feira, 24.—D. Julia Amelia Barros, D. Maria da Piedade Teixeira, Jacinto da Cunha Parreira, João José Gomes.

Quinta-feira, 25.—D. Maria Isabel Evaristo, D. Alice Rosa de Castro, Antonio Pereira Marques, Eduardo José Batista e José Victor Alvarinho.

Sexta-feira, 26.—D. Maria da Conceição Arouca Assis, D. Lisaura Ramires e Antonio da Cruz Coutinho.

Sabado, 27.—D. Clarissa Emilia Pereira, D. Maria Carlota de Abreu, Augusto Cristóvão da Conceição, José Batista da Silva Martins, Antonio Sermentes Osorio e Francisco José Pacheco.

Passou humm o aniversario natalicio da menina Maria Carlota Neto, interessante filhinha do nosso presado amigo sr. João José da Silva Ferreira Neto Junior.

Casamentos:
No dia 17 do corrente pelas 16 horas realisou-se em casa da noiva, na rua do Pé da Cruz desta cidade o casamento por procuração do sr. Julio de Campos, conductor de Obras Publicas residente em Lourenço Marques, com a sr.ª Maria das Dores Amores. Representou o noivo no acto de casamento o sr. Francisco Antonio Rolito, empregado no Banco de Portugal desta cidade.

Foram padrinhos o sr. dr. Manuel Pedro Guerreiro, advogado e digno Conservador do Registo Civil, Joaquim

EDITAL

Francisco José Guerreiro Junior, Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal do Concelho de Vila Nova de Portimão:

FAÇO SABER que desde hoje até ás 12 horas do dia 20 de Dezembro do corrente ano se acha aberto concurso para o exclusivo do fornecimento de energia electrica para a iluminação publica e particular a esta vila e Praia da Rocha.

As propostas serão feitas em carta fechada, seguindo-se licitação verbal no caso de egualdade de ofertas.

As condições estão patentes todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas, na Secretaria da referida Camara.

Paços do Concelho de Vila Nova de Portimão, 18 de Novembro de 1915.

O Presidente da Comissão Executiva,
Francisco José Guerreiro Junior.

Line Amores, professor official, D. Helena Pereira Amores e D. Maria Eufemia Amores, respectivamente cunhado e irmãs da noiva.

—Pelo sr. Domingos R. Marques, foi pedida em casamento para seu filho, sr. Pedro Gomes Marques a gentilessima senhora D. Suzana do Carmo Pacheco e filha do nosso saudoso amigo José do Azevedo Pacheco, irmã do nosso estimado amigo e dedicado correligionario, sr. Humberto José Pacheco.

Nascimentos:

Teve a sua delivrance no dia 18 a sr.ª D. Thés Sequera, esposa do importante industrial sr. Moisés Sequera.

—Teve a sua delivrance, dando á luz uma menina, a esposa do sr. Sebastião Mario da Gama Carvalho, habil empregado telegrapho-postal.

—Deu á luz uma menina a esposa do sr. Vitorino Varela, antigo sargento instrutor da Escola de Marinheiros do Sul, actualmente em serviço em Lisboa, e primo do nosso presado amigo e illustre clinico sr. dr. Francisco Honorato de Sousa Vaz.

—Tambem teve a sua delivrance, dando á luz uma interessante menina, a sr.ª D. Mariana da Conceição Padilha Fernandes de Mendonça, esposa do brioso alferes de infantaria, sr. Virgilio Cipriano Mendonça.

—Deu á luz um menino, a esposa do sr. dr. Antonio Fernandes digno secretario do Liceu Central desta cidade.

—Tambem deu á luz um robusto menino a esposa do sr. João de Abreu, de Tavira.

As nossas felicitações.

Doentes:

Encontram-se doentes as seguintes:
D. Dorothea Rebelo, D. Maria Inacia da Silva, D. Atilda dos Reis Pereira, D. Ana Ramos Batista e D. Filomena do Carmo Santos.

—Agravaram-se os padecimentos do sr. João Ramos, conceituado farmacutico desta cidade.

—Encontra-se gravemente doente, em Loulé, o sr. José Fernandes Guerreiro, abastado capitalista.

Desejamo-lhes melhoras.

Tem experimentado rapidas melhoras, que dia a dia se accentuam a sr.ª D. Florinda Avila Ramos, esposa do major sr. Justino Ramos, que se encontra a convalescer numa das suas propriedades nos suburbios desta cidade.

Necrologia:

Faleceram:—Em S. Braz de Alportel: D. Elias Texugo, de Loulé, e o sr. Antonio Viegas Calçada, de 95 annos. O respeitavel ancão deixa 120 descendentes entre filhos e netos.

Em Loulé: D. Maria Rosa Madeira. Em Lisboa o sr. Inacio Gonçalves Bela, estremeado filho do sr. Manuel da Cruz Bela, digno Director da Companhia de Seguros «Risv».

A's familias enlutadas os nossos pezaros.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos realisados de 29 de Outubro de 1915.

Nascimentos..... 15
Casamentos..... 4
Obitos..... 12

NOTICIARIO

Regressou a Lagos o general sr. Joaquim Candido Correia, nosso illustre correligionario.

—Com seus ex.ºs irmãos, a sr.ª D. Eliza C. de Belencourt e o sr. Jorge C. de Belencourt, vimos nesta cidade o sr. Miguel C. de Belencourt, digno chefe do secretariado da Sociedade Propaganda de Portugal.

—Já regressou de Cuba o digno Secretario de Finanças do Concelho de Loulé, sr. João Bento da Cruz.

—Tivemos o prazer de abraçar o nosso amigo sr. Matias de Freitas Guimarães, que ha dias regressou de Angola, conjuntamente com a columna expedicionaria que para ali partira, afim de submeter o gentio do Cuanhama e Cuanama. As nossas sinceras felicitações pelo feliz regresso.

—Partiu para Alcoutim, na passada terça-feira, o digno administrador do concelho, nosso presado amigo e dedicado correligionario sr. Carlos Angelo Quintino. No mesmo dia seguiram também para o referido concelho os srs. José Saraiva, muito digno inspector de Finanças do Districto e Francisco Pinto, que vão tomar parte numa caçada que ali se vae realizar.

Tipografia & C Heraldo

RUA 1.ª DE DEZEMBRO, 21 E 23

FARO

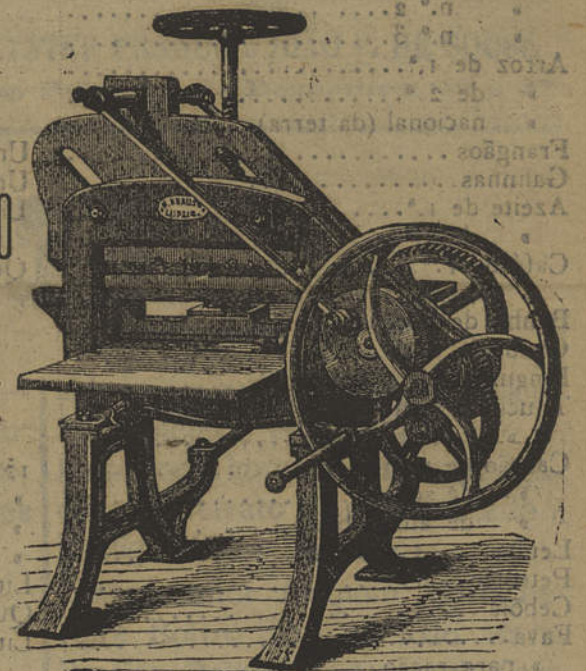
Previne-se o publico de que esta antiga officina, actualmente sob a inteligente direcção técnica do habil gráfico, José Joaquim Gomes, de Lisboa, antigo gerente da Revista Ilustrada «A Faceira» do Rio de Janeiro e ex-chefe da Tipografia União, está habilitada a executar toda a espécie de trabalhos tipograficos, desde os mais simples aos mais luxuosos e por preços baratissimos.

BILHETES DE VISITA

“BECLAMB”

\$20 (200 rs.) O CENTO

Jornaes, Revistas, Impressões completas de livros em prosa e verso com capas a cores pelos mais recentes processos. Facturas, Bilhetes postais e de loja, Envelopes commerciaes e d' officio, Papel timbrado para repartições do Estado e particulares, Participações de casamento, Inscimento e luto em simples e fantasia, Placards, Prospetos de reclame, Programas, Bilhetes de visita e teatro em todos os generos, Quotas e Relatorios, Talões e Recibos, Mapas e Tabelas em todos os formatos, Folhinhas, Mostruários artisticos, Impressões em etiquetas a ouro, Catálogos, etc., etc.



IMPRESSÕES A OURO, PRATA E BRONZE

ENCADERNAÇÕES EM LIVROS, TALÕES E FACTURAS



TRABALHOS

A CORES COM A MAXIMA PERFEIÇÃO

ESPECIALIDADE EM ROTULOS PARA FARMACIAS

—Deu-nos o prazer da sua visita nesta redacção o sr. José Rosa Madeira, esposo da sr.ª D. Maria da Madre de Deus Carriho Madeira, distincta professora official em Santa Barbara de Nexe.

—Vimos em Faro na terça-feira, o sr. dr. Luiz de Sousa Faisca, advogado e digno official do registo civil em Loulé.

—Esteve em Faro na 2.ª e na 5.ª feira o nosso amigo sr. Francisco Rodrigues Junior, dedicado correspondente do «Heraldo» em Estoi.

—Acompanhado de seu filho, já se encontra em Faro onde vem passar a estação invernos, o sr. dr. Bernardo Marques Coelho, tenente coronel medico de reserva.

—Esteve em Faro no dia 19, o illustre poeta e nosso presado amigo, sr. dr. Candido Guerreiro, de Loulé.

—Partiu para Lisboa o illustre clinico e nosso presado amigo sr. dr. Candido de Sousa.

—Vimos em Faro, na quarta-feira, o sr. Francisco Henrique da Cruz de Matos Parreira, de Tavira.

—Já regressou a Faro, com sua familia, o nosso presado colaborador, sr. Honorato Artur Pires da Silva Santos, digno secretario da Inspeção do Circulo Escolar de Faro.

—Afim de acompanhar sua filha primogenita, Mademoiselle Maria Candida, que vae submeter-se a uma operação na laringe, partiu para Lisboa na 4.ª feira, com sua familia, o sr. Pires Faleiro, conceituado farmacutico em Tavira.

—Regressaram a esta cidade as sr.ªs D. Ermelinda da Conceição Soares e D. Damasia de Jesus Nobre Soares, dignas professoras, respectivamente, da Escola Central de Faro e masculina do Perál.

—Esteve em Faro, nos primeiros dias da semana finda, o sr. João de Abreu, de Tavira.

—Vimos em Faro o sr. João Gualberto Estrela, digno escrivão de Direito em Olhão.

—Tem terminado a sua licença, regressou a Lisboa o sr. Oldegario Infante da Mota Sequeira Soares, 2.º sargento do Grupo dos Caminhos de Ferro.

—Encontra-se nesta cidade o nosso presado amigo sr. dr. José Antonio dos Santos, digno official do Registo Civil em Monchique.

—Vimos em Faro o sr. José Vicente de Brito, nosso presado correligionario de Santa Barbara de Nexe.

—Regressou de Lisboa o sr. Luiz Sepúlveda Pimentel Mascarenhas, nosso velho amigo e illustre colega na imprensa.

—Vimos em Faro, na segunda-feira, 15, o nosso presado correligionario sr. Joaquim Afonso de Brito, presidente do Centro Democratico «Alfonso Costa», de Estoi.

—Encontra-se em Faro a sr.ª D. Maria das Dores de Paula Mendonça, estremera filha do nosso velho amigo sr. Francisco de Paula Mendonça, importante proprietario de Estoi.

—Afim de servirem de testemunhas no processo promovido contra os vendedores de peixe, José de Sousa Perruca e Francisco Lourenço, estiveram nesta cidade, na segunda-feira, os srs. Francisco Maria, Julio Vicente, José Piolo, Joaquim Bernardo, José Maria Pereira, Francisco Xavier Pereira, Joaquim Miguel, José Teixeira, José Lopes Palermo Faria, José Neves, Manuel Martins, de Estoi.

—Encontra-se em Faro, com sua esposa e filhos, o sr. dr. Francisco José Nobre Ribeiro, nosso presado correligionario e digno administrador do concelho de Odmira.

—Regressou de Lisboa o sr. Maximiano de Barros.

CANCIONEIRO DO POVO

Um laço de fita verde,
Com tres dedos de largura,
No peito de um morena
Mata qualquer creatura!

Sapatinho salta, salta
Na forma do sapateiro:
Saltam olhos de morena,
Quando vê moço solteiro!

Moreninha, doce de ovos,
Doce de ovos com canela:
Não ha rapaz de bom gosto
Que possa passar sem ela.

O CERZIDOR

“ZENITH”

Para passar ou pontear meias, roupa branca e de côr, et, pois não ha nada mais rapido, perfeito e facil.

Aplica-se a qualquer maquina de costura.

Preço 700 réis.
Pelo correio mais 100 réis.

Depositario em Faro—M. F. Costa (LOJA DE LISBOA).

HOSPEDE

Recebe-se um, dando-se comidã e cama. Preço modico.
Rua Conselheiro Bivar n.º 34
Antiga Rua Direita—FARO.

Administração do Concelho de Albufeira

DECRETO N.º 1900 DE 18 DE SETEMBRO DE 1915

Tabela dos preços máximos aprovada pela Comissão de Subsistências, que vigorará no mez de Novembro de 1915

GENÉROS	UNIDADES	PREÇOS	GENÉROS	UNIDADES	PREÇOS
Assucar cristalizado...	Quilo	538	dade e com o peso de 1 quilo...	Quilo	508
» superfino...	»	538	Pão de farinha peneirada, de trigo...	»	508
» n.º 1...	»	536	Feijão amarelo...	Liuro	508
» n.º 2...	»	534	» branco...	»	508
» n.º 3...	»	532	» verde...	»	507
Arroz de 1.ª...	»	518	» manteiga...	»	509
» de 2.ª...	»	516	» vermelho...	»	508
» nacional (da terra)	»	518	Grão de bico de 1.ª...	»	508
Frangãos...	Um	514 a 536	» de 2.ª...	»	507
Galinhas...	Uma	550	» de 3.ª...	»	507
Azeite de 1.ª...	Litro	530	» de 4.ª...	»	507
» de 2.ª...	»	525	» de 5.ª...	»	507
Café de 1.ª...	Quilo	570 a 574	» de 6.ª...	»	507
» de 2.ª...	»	534 a 560	» de 7.ª...	»	507
Banha de porco...	»	550	» de 8.ª...	»	507
Chouriço...	»	555	» de 9.ª...	»	507
Linguiça...	»	550	» de 10.ª...	»	507
Toucinho velho...	»	548	» de 11.ª...	»	507
» novo...	»	534	Sardinha grande...	Duzia	505
Carvão de azinho...	15 quilos	526	Sardinha regular...	»	503
» de sepa...	»	524	» Chicharro grande...	»	504
» de alfarrobeira...	»	528	» regular...	»	502
Lenha...	»	510	» medido...	»	520
Petróleo...	Litro	514	Cavala salgada...	Cento	502,5
Cebola...	Quilo	504	» fresca...	Pár	502
Fava...	Litro	506,5	Anchova, pargo, abroteas, corvina, pes-	»	»
» para ração...	»	500	cada e outros peixes equiparados...	Quilo	516
Milho de regadio...	20 litros	585	Cação, briamante, arrala e outros peixes	Quilo	514
» de sequeiro...	»	580	equiparados...	»	520
Farinha de trigo em rama...	15 quilos	540	Safo, congrio e moreia...	»	514
» de milho...	1 quilo	508	Salmonetes...	»	512
Trigo...	20 litros	520	Lulas...	»	512
Pão de farinha de 1.ª com qualquer pe-	»	»	Sardas...	»	514
so e qualquer preço...	»	»	Sabão amendoa...	»	509
Pão com farinha de 2.ª e peso de 500	»	»	» gordo...	»	517
gramas...	Quilo	510	» mescla, azul ou rosa...	»	520
Pão com farinha de 2.ª e 3.ª e com o pe-	»	»	Batata redonda...	»	504
so de 1 quilo, entrando a farinha de	»	»	» doce...	»	502
2.ª na proporção de 20 %...	Quilo	509	Leite...	Litro	508
Pão com farinha não inferior a 3.ª qual-	»	»	Sarralho...	Pár	508

E' proibido ter exposto á venda quaesquer generos de primeira necessidade, sem que junto delles esteja affixada, de modo bem visivel, o preço maximo relativo ás unidades porque é costume venderem-se.

Serão punidos, sendo presos, quando em flagrante delicto, todos aquelles que acabarcarem quaesquer generos de consumo, desde que esse acabarcamento tenha como consequencia uma alta no preço desses generos.

As infracções da presente tabela devem ser participadas, immediatamente, á autoridade administrativa local afim de serem punidos os infractores.

Esta tabela deve estar, sob pena de desobediencia, affixada nos estabelecimentos.

Albufeira, 4 de Novembro de 1915.

O Administrador do Concelho,
ANTONIO DE SOUSA FAISCA

RECEBEM-SE ANUNCIOS PARA

O HERALDO

SEMANARIO

DE PROPAGANDA

DEMOCRATICA

Director—**LYSTER FRANCO**—Faro

INSTRUÇÃO SECUNDARIA E PROFISSIONAL

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 4co

páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO, escudos—1550

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as theorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento a parte descriptiva e rica na indicação de experiências atraentes e preparações do verdadeiro interesse na vida pratica; e os problemas fundamentais da quimica elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literaes e exemplificações numericas da disposição dos cálculos. Este compendio foi adoptado em seguida á sua primeira publicação em quaes todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (12.ª Edição).

Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. PREÇO, escudos—1520

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no *Diário do Governo* n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 193), e revalidada á sua aprovação em 1912 pela Portaria de 2 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionário que substitui a presença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, também no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numericas, se encontram enunciados problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respectiva lição. O seu metodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particulares vantagens para se adquirirem sem fatica nem difficuldade as primeiras noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normaes, mas também ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriaes e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (10.ª Edição). Um volume de IV

764 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO, escudos—1580

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso geral de 1895, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diário do Governo* n.º 218 do mesmo ano. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192), e revalidada á sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente acompanhada á revisão geral do estudo da Física nos liceus de harmonia com as instrucções que acompanham os programas do curso complementar, pois que, além das materias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classes, contém as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvoltura e metódica coleção de 277 problemas numericos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias physico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia, através dos corpos opacos ou raios X, das correntes de alta frequencia, dos radiocondutores, da telegrafia sem fio e da radioactividade. Os principios e applicações theóricas, as experiências demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimam a estes livros a sua caracteristica clara e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente applicados ao ensino theórico e pratico, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São também livros úteis fóres dos cursos escolares: o estudo da fotografia encontra os embelezamentos suaves (retratos e preciosos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegraphista encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da electricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenómenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito.

LISBOA *Livraria Ferin*, Rua Nova do Almada, 70.—PORTO *Livraria Chardron*, Rua das Carmelitas, 111.—COIMBRA *Livraria França Amado*, Rua Ferreira Borges, 115.

Alfaiataria Lisbonense

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 29

—Faro—

DO CONHECIDO

ALFAIATE FONSECA, de Lisboa

Participa que abriu a sua casa nesta cidade, encarregando-se da execução de obras para homem e senhora (genero *tailleur*) por preços modicos e com um completo mostruario de mais de mil amostras de fazendas no que ha de mais chic e em maior novidade para a estação de verão. Todas as obras são executadas pelo seu proprietario tomando por isso inteira e completa responsabilidade na sua execução.

FATOS FEITOS PARA HOMEM, DESDE 8550 A 20500

Vae tomar medidas e provas a casa dos clientes

COMPANHIA DE SEGUROS

A VICTORIA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE NO PORTO

R. de Santa Tereza, 2-4-6

End. deleg. SEGUROS-Porto

Telefone, 1.137

Agencias em todas as cidades e villas do Paiz

CAPITAL, ESC. 500.000\$00

DEPOSITO DE GARANTIA NA CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, ESC. 25.000\$00

Seguros de seguras e ceras, pastagens, cereaes, palhas, maquinas debulhadoras, arvoredos, etc.

Seguros terrestres, marítimos, valores pelo correio, quebra de chapas de vidro e espelhos e lucros esperados

DELEGACAO EM LISBOA na RUA DO ARSENAL, 84, 1.º

Telefone, n.º 403

End. deleg. Seguros

Acceptam-se agentes nas terras onde os não houver

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo—Seguros marítimos

Seguros de cristais—Seguros contra roubos

Seguros postaes—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro,

MANUEL FRANCISCO COSTA

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes

Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS

EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6

FARO

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

Morada—Avenida Almirante

Reis, 92, 1.º, D.º

LISBOA

“O que todos devem saber,”

ASSINATURA PERMANENTE

EDITORES

ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA LTD.

133, Rua dos Póveis de S. Bento, 133

LISBOA

ACABA DE PUBLICAR SE

NOCÕES DE PROCESSO PENAL

Acompanhadas de Formulário e Legislação, por João Pedro de Sousa, advogado e deputado da Nação. Preço 1 escudo. Pedidos ao autor.